

O

QUARTO

CAVALEIRO



SAMUEL CARDEAL

○  
QUARTO  
CAVALEIRO

A AUTOBIOGRAFIA DE UM PSICOPATA INVETERADO

1ª Edição

Belo Horizonte - 2015

# FICHA TÉCNICA

Copyright © 2015 Samuel Cardeal

Capa: Kamila Zöldyek

Diagramação e projeto gráfico: Samuel Cardeal

Ficha catalográfica: Sândalo Salgado Ribeiro CRB6 – 2656

B869.33

C266t

CARDEAL, Samuel de Castro Santana (1986 -)

O quarto cavaleiro: a autobiografia de um psicopata  
inveterado / CARDEAL, Samuel de Castro Santana  
(1986- ); Belo Horizonte: [s.n.], 2015.

ISBN 978-85-916116-5-2

1. Romance Brasileiro. 2. Ficção

I. Título

CDD B869.33

Todos os personagens e acontecimentos são fruto da  
imaginação doentia do autor, qualquer semelhança  
com pessoas ou lugares reais é devaneio do leitor.  
Permanecendo os sintomas, procure auxílio profissional.

*Então ouvi, em voz de trovão,  
uma das quatro bestas dizendo: "Venha e veja";  
e eu vi o que surgiu, um cavalo pálido.  
O nome do cavaleiro que o montou era Morte  
e o Inferno o seguia de perto.*

*(Apocalipse - 6:7)*

*“Quando se tem de matar um homem,  
não custa nada ser educado.”*

*(Winston Churchill)*



# Sumário

PRÓLOGO, 7



## PARTE I - FELICIDADE

### Um

O NASCIMENTO DE UM DEMÔNIO: O PRINCÍPIO DO  
FIM, 17

### Dois

O PRIMEIRO SANGUE A GENTE NUNCA ESQUECE: A  
DESCOBERTA DO "DOM", 23

### Três

O JARDIM DE INFÂNCIA: "DEIXA EU TE MACHUCAR?  
VAI SER LEGAL, VOCÊ VAI VER", 27

### Quatro

MEU URSINHO, MEU HERÓI, 35  
BULLYING: QUEM NÃO SABE BATER TEM QUE  
APANHAR, 40

### Cinco

PLANTAR UMA ÁRVORE, ESCREVER UM LIVRO E TER  
UM FILHO? OK, MAS PRIMEIRO.... 47  
A GRANDE ESTREIA: EXECUÇÃO, 51  
O PRAZER SÓ ACABA QUANDO TERMINA, 54

### Seis

O PRAZER NO TRABALHO APERFEIÇO A OBRA., 59  
DEPRESSÃO "POST MORTEM", 65

### Sete

AO MESTRE COM CARINHO, 67  
O ANTRO DA PERDIÇÃO, 71  
GRATIDÃO: A VIRTUDE DAS ALMAS NOBRES, 74

## Oito

BEATRIZ, 79

O PRIMEIRO BEJO É COMO O PRIMEIRO MORTO:  
VOCÊ NUNCA ESQUECE, 86  
O NAMORO E O JEJUM DO MATADOR, 95



## PARTE II - HORIZONTE BELO E CORPOS NO CAMINHO

## Nove

BEM VINDO À SELVA DE PEDRA, 101  
O PRIMEIRO GRANDE GOLPE, 107  
INFERNO: PURO "GLAMOUR", 114

## Dez

A GRADUAÇÃO, 119  
A NINFOMANÍACA, 121  
ATRAVÉS DO ESPELHO, 125

## Onze

MORTE NO CAMPUS: O MATADOR VOLTOU, 131  
O MANÍACO DA "FEDERAL", 135  
CORTANDO AS PONTAS SOLTAS: A INVASÃO, 140

## Doze

DANIEL, 147  
A AMEAÇA NEGRA, 150  
O REENCONTRO, 151  
ENCONTRO ÀS ESCURAS, 158

## Treze

MATRIOSHKA, 163  
A ESFERA, 166

## Catorze

SANGUE, SUOR E ACARAJÉ, 171

O ABATE DO SUÍNO, 174

NÃO É FEITIÇARIA, É TECNOLOGIA, 178

## Quinze

O MATADOR ESTÁ DE FÉRIAS, 179

A ORFANDEDE, 181

UM AMOR JOGADO AO VENTO: PARTE II, 186



## PARTE III - O KAMIKAZE

## Dezesseis

A POETISA E O ARTESÃO, 195

## Dezessete

YIN & YANG, 201

BRINCANDO DE GATO E RATO, 206

## Dezoito

AMÉM: EM NOME DO PAI, DO FILHO, E DO ESPÍRITO

SANTO, 211

ENCANTANDO O ENCANTADOR DE DEMÔNIOS, 214

## Dezenove

LAMENTO SERTANEJO, 223

A TRISTEZA DO JECA, 227

## Vinte

UM MOSAICO INFERNAL, 231

## Vinte e um

SOMOS AMIGOS, AMIGOS DO PEITO, AMIGOS DE

UMA VEZ..., 235

O FAXINEIRO, 238

## Vinte e dois

EU TENHO AQUILO ROXO, 241

ORGIA À ALAGOANA, 244

## Vinte e três

DEUSES TAMBÉM SANGRAM, 249

SÍNDROME DE ESTOCOLMO, 253

## Vinte e quatro

UM PASSO À FRENTE, 257

O HOMEM INVISÍVEL, 260

NA TOCA DO RATO, 265

## Vinte e cinco

EU SEI QUEM É VOCÊ, 275

VOLTA PRA MIM, 283

O RESGATE, 289

## Vinte e seis

SEGUINDO A TRILHA DE SANGUE, 293

DUAS CABEÇAS, UMA SENTENÇA, 299

## Vinte e sete

O FANTASMA SUJO DE SANGUE, 301

A SABATINA, 306

ANDANDO EM CÍRCULOS, 309

## Vinte e oito

PÃO, CIRCO E FUTEBOL, 313

ROLA A BOLA NO PAIS DO FUTEBOL, 319

## Vinte e nove

A ÚLTIMA CARTADA, 325

O ÚLTIMO POLICIAL GENIAL, 332

## Trinta

AGORA OU NUNCA: UM TIRO NO ESCURO, 335

PERSEGUIDOR IMPLACÁVEL, 339

EU E VOCÊ, VOCÊ E EU (JUNTINHOS), 341

## Trinta e um

ALGUÉM TEM QUE CEDER, 347

O DOSSIÊ DO ASSASSINO, 350

## Trinta e dois

PERTO DO FIM, 365

MAOMÉ VOLTA À MONTANHA, 369

## Trinta e três

A CLAUSURA DO MONSTRO, 373

OS VISITANTES, 375

UM AMOR JOGADO AO VENTO: PARTE III, 381

## Epílogo

UM ARTISTA É SEMPRE UM ARTISTA, 387

# Prefácio

Algumas pessoas conseguem ser piores que o próprio diabo.

Aquilo começou com *quotes* enviados nas mensagens *inbox* do meu Facebook. Era algo bem escrito, pingando ácido e sarcasmo, que são duas coisas pelas quais sou apaixonada.

Quis logo saber o que eram aqueles fragmentos, qual o contexto e o motivo, e logo soube: era um livro sobre um enviado do Quarto Cavaleiro do Apocalipse, um assassino.

Não um qualquer, mas um refinado, digno de nota, brilhante – isso descobri quando comecei a ler. Porque parece óbvio que pedi para ler todo o conjunto daquela obra e não apenas pedacinhos.

Descobri a genialidade – e psicopatia – de Samuel ali. Cada página clamava a próxima, e eu não consegui parar de ler até que terminasse, com um sorriso no rosto e a sensação de ter lido um bom livro.

A crítica social e o sarcasmo aqui permanecem em doses elevadas. É uma mensagem em seu cérebro, algo que vai te proporcionar um sorriso no canto dos lábios e bem-estar únicos que só pessoas sarcásticas podem compreender.

Leonel, como você já vai descobrir, é esperto, charmoso, caprichoso e genial. Apaixonei-me mais ou menos na página... treze.

Ele possui algo que cada um de nós tem bem escondido no fundo da alma, algo bem reprimido por vários fatores sociais e morais... um senso sutil, uma vontade que sempre ignoramos.

Eu me identifiquei com ele, confesso. E acredito que muitos de vocês verão nele algo que gostariam de ser, bem lá no fundo: um psicopata.

E um adendo: *Alice in Chains* é muito melhor do que *Nirvana*.  
Lide com isso.

*Kamila Zöldyek*

Autora da série Legend of Raython

Ilustradora, capista, artesã, açúcar  
tempero e tudo que há de bom.

# Prólogo



Levando em conta o meu estilo de vida, sempre pensei que morreria cedo, deixando apenas um legado vermelho e um cadáver jovem e atraente. No entanto, é difícil permanecer belo com a boca cheia de sangue e o rosto repleto de hematomas.

De certo modo, eu já sabia como a história iria terminar. Toda ação tem por consequência incontáveis desdobramentos, obviamente só alguns são realmente importantes. Por isso, antes de executar uma ação, é imprescindível que se tenha um plano de contenção para as consequências. O que a maioria das pessoas não sabe, é que cada desdobramento de uma ação também tem seus desdobramentos, perfazendo uma cadeia que, infelizmente, não se pode evitar. Mas eu sabia de tudo isso; eu sempre soube.

Enquanto a mão pesada daquele homem cheio de escrúpulos transformava meu belo rosto em uma massa disforme vermelho-rosada, eu me regozijava com sua violência, porque a cada golpe que me desferia, era nele que doía mais, pois em mim via sua própria natureza, que, como a de todos, é vil, violenta e incontrolável.

— Não no rosto, por favor – repeti pela sétima vez, deixando-o ainda mais atordoado. – Minha mãe vai querer um caixão aberto durante meu velório.

— Diga logo onde estão eles! – vociferou. Mas a única resposta que teve foi um sorriso de deboche por entre os dentes ensanguentados. Isso o enfureceu um pouco mais. Isso me satisfez muito mais.

— Sabe de uma coisa? – comecei a falar, interrompendo para cuspir uma golfada de sangue que, desafortunadamente, levou consigo dois ou três dentes da minha boca. Eu já quebrei muitos dentes na vida, e o fiz com imenso prazer, mas aquela era a primeira vez que acontecia com meus dentes, e a ironia me fez rir novamente. Ele não gostou, mas aguardou minha conclusão. – Apesar de tudo o que você acredita e todo o moralismo que insiste em vomitar sobre mim, há pouquíssimas diferenças entre nós dois, e a cada golpe que me acerta, essa linha fica mais tênue. Logo, logo não passará de uma lembrança.

Incapaz de conter a cólera, que transbordava dos olhos e cobria toda a sua face, me acertou o rosto com a coronha da semi-automática que trazia na mão esquerda. Desde que me amarrou naquela velha cadeira de madeira, não parou de balançar aquela arma de uma forma ameaçadora. Tinha um olhar obstinado e doentio, que faria qualquer um tremer de medo. Mas eu sabia bem como ele era, e estava certo de que, por enquanto, não tinha a mínima intenção de puxar o gatilho.

— Minha paciência está se esvaindo. Vou te dar uma última chance de colaborar e, talvez, permaneça vivo para ser preso. Agora...

Uma gargalhada interrompeu sua fala. Em meio às risadas, uma tosse molhada de sangue. Ele me olhou apreensivo, coisa que poucos poderiam enxergar por trás da raiva que cobria quase toda sua face.

— Eu adoro isso em você. Até mesmo durante uma tortura, com sangue nos olhos, você consegue ser polido, e manter seu vocabulário rico. Qualquer outro dos seus estaria me dizendo coisas como “vou arrancar seu fígado” ou “vou atirar nas suas bolas”. Mas não você, não é? Você é um homem diferenciado, assim como eu.

A última frase o acertou em cheio, como um soco potente na boca do estômago. Deixou-o calado por um momento, se recuperando do golpe, enchendo novamente os pulmões de ar e contendo o líquido salgado que forçava para descer pelos olhos.

— Você tem três segundos – ele puxou o ferrolho, fazendo o cartucho ser enviado para a câmara; recuou o cão, apenas para dramatizar a situação. – Um – o suor escorria de minhas têmporas, fazendo meus olhos arderem, enquanto ele limpava sua própria testa com as costas do braço. – Dois – a arma presa com firmeza à sua mão estava imóvel. Ele estremeceu por dentro, tenho certeza, mas quem o visse ali, apontando a pistola para a minha cabeça, diria que não havia hesitação alguma.

Eu ainda gargalhava, mas não pude ouvir o três. Por um instante, só foi possível escutar o estampido da cápsula explodindo e se separando da bala. Depois, um baque seco do invólucro no chão lodoso e cheio de sangue. Foram três batidas até que repousasse. O braço dele descansou, o cano da semiautomática mirou o chão, expelindo fumaça.

Naquele momento, eu me calei.





PARTE I  
FELICIDADE



# Um



## O NASCIMENTO DE UM DEMÔNIO: O PRINCÍPIO DO FIM

*“Choramos ao nascer porque chegamos a este imenso  
cenário de dementes.”*

*(William Shakespeare)*

Quando se trata de contar uma história, o melhor a se fazer, ou pelo menos o mais sensato, é começar do início. Sendo assim, vamos a ele.

Em um dia qualquer, em meio ao tédio das profundezas, o Diabo em pessoa sentiu-se inspirado a fazer o mal. Apanhou, então, a mais bruta rocha da mais profunda masmorra do inferno e forjou, com suas próprias garras, uma criança recheada de maldade e obcecada pela violência, atirando-a na terra para disseminar a dor entre os fracos, bondosos e patéticos seres humanos.

Se você pensa que é assim o nascimento de um psicopata como eu, sinto informar que está redondamente enganado, e por mais que seja interessante imaginar-me surgindo para a existência de forma tão épica e assustadora, não estou aqui para enganar, ainda que eu o faça maravilhosamente bem. Meu intuito, nesse momento, é o de contar uma história, uma vida. A minha história, a minha vida.

Eu cheguei a este mundo sujo e vil no dia 06 de junho de 1980. Aquele dia também foi marcado por acontecimentos menos importantes, como a conquista, pela primeira vez, do título de campeão brasileiro de futebol pelo Flamengo. No dia seguinte morreria o escritor Henry Miller, mas eu juro que não tive nada a ver com isso. O ano em que eu fui entregue aos braços de mamãe não foi um ano qualquer. Em 1980 foi criado certo partido político liderado por barbudos de língua presa e vocabulário parco. Foi o ano das olimpíadas de Moscou, boicotada pelos Estados Unidos da América por motivos políticos — ou seja, torpes. Foi o ano de lançamento de um dos meus filmes favoritos, “O Iluminado”. O Zeppelin de Chumbo parou de voar, Back in Black do AC/DC foi lançado, a República de Vanuatu foi declarada independente e o Zimbábue foi admitido na ONU. Não que isso tenha alguma importância nesse momento.

Contrariando as expectativas dos mais empolgados, meu nascimento foi como o de qualquer criança “saudável”. Após cerca de duas horas de trabalho de parto, enfim deixei o ventre de minha progenitora e testemunhei pela primeira vez a luz. Apesar de possuir uma memória invejável como poucos, não posso dizer que me lembro do ocorrido. Mas provavelmente foi algo do tipo:

A primeira coisa que meus olhos registraram foi uma luz ofuscante, um calor luminoso que parecia queimar minhas pupilas dilatadas. Após meus olhos se acostumarem com o brilho das lâmpadas apontadas para minha face, divisei estranhas criaturas vestidas de branco, usavam máscaras que tapavam seus rostos abaixo dos olhos, e tinham a cabeça envolta em tecido. Um deles, provavelmente o líder, me carregou, segurando meu corpo pelo tronco, abaixo dos braços, olhou-me com aquele rosto coberto e seus olhos pareceram sorrir. Eram amarelados, cobertos por uma pele branca e enrugada. Não eram bonitos, mas nem por isso eu chorei.

Não satisfeito com meu silêncio, o sujeito me virou de costas e espalmou minhas nádegas. Achei aquilo uma falta de respeito, mas logo percebi o que ele queria e dissimulei um choro estridente que, inexplicavelmente, fez com que todos ao meu redor sorrissem. “Que bando de idiotas”, pensei. Como alguém pode sorrir ao ouvir um ruído tão irritante quanto o choro de um bebê? Mais tarde saberia que aquilo era realmente verdade: eram mesmo um bando de idiotas.

Depois de fazer meu “show” de choro, limpavam-me porcamente com um pedaço de tecido e levaram-me àquela a qual, futuramente, eu chamaria de mãe. Era bem mais bonita que aquele que me espalmou as nádegas. Contudo, eu preferia quando estava dentro dela. “Pelo amor de Deus”, eu pensei, “estamos em um hospital, será que dá para fazerem um pouco de silêncio?”. Mas não houve silêncio, não até – pela graça de Deus – levarem-me ao berçário.

Depois do primeiro trauma, comum a todas as pessoas, fui para casa onde seria criado com todo o amor e carinho que qualquer criança precisa. Morávamos na aconchegante cidade de Felicidade, no interior de Minas Gerais; um pequeno fim de mundo com menos de 10.000 habitantes.

Papai era médico, o único da cidade, e sempre era tirado da cama de madrugada para atender algum cidadão. Por incontáveis vezes, teve seu sono interrompido para acudir algum caipira idiota com gases ou prisão de ventre. No entanto, o velho Doutor Humberto adorava seu ofício, e nunca se irritou por ter que atender a um paciente, mesmo que nos momentos mais inoportunos.

Mamãe era professora, ensinava nos primeiros ciclos do ensino fundamental, mas era graduada em letras, e podia lecionar para classes mais avançadas, contudo, preferia os pequenos. Seus alunos a chamavam, carinhosamente, de Tia Alzira; coisa que ela adorava. Assim como papai,

venerava seu trabalho e tinha sempre um semblante bondoso e um conselho acolhedor a qualquer um que a procurasse.

Meus primeiros anos foram tranquilos, eu era uma criança saudável e bonita, com coradas e rechonchudas bochechas que as amigas de minha mãe insistiam em apertar. Quando aquelas mulheres insuportáveis faziam isso, eu sentia uma estranha sensação a qual não conseguia entender. Hoje eu sei bem o que era: eu queria matá-las.

Desde cedo, mamãe me fez interagir com outras crianças, e isso nunca foi um problema para mim. Eu tinha algo de especial que fazia com que todos gostassem de mim, e isso me agradava. Evidentemente, as outras crianças me entediavam, pois pareciam retardadas e eram tão espertas quanto o nosso cachorro, Linguíça, um *basset* gordo e preguiçoso que meus pais achavam que eu adorava. Quando ele morreu, fiquei muito aliviado, mas mamãe nunca soube disso. E antes que pergunte, a resposta é não, não fui eu que o matei. Linguíça morreu de velhice aos 12 anos de idade, escornado em seu travesseiro com a barriga estufada de comida.

Na medida em que eu crescia, papai e mamãe se orgulhavam cada vez mais do quanto seu filhinho era esperto e inteligente. Adoravam ostentar para os amigos como, aos quatro anos, eu podia montar um quebra cabeça de 500 peças com espantosa destreza. Alzira sempre dizia a todos que seu filho era um gênio, apesar das intervenções do Doutor Humberto que retrucava afirmando que era cedo para saber, mas que de fato eu era uma criança muito inteligente.

Enquanto o único médico da cidade era de pouco carinho, e dificilmente me abraçava, mamãe fazia questão de me agarrar e beijar como uma adolescente desvairada a violar uma fotografia de seu ídolo de pouco talento. O contato corporal nunca me agradou, mas eu percebia que aquilo era importante para ela, e, talentosamente, fingia adorar suas irritantes carícias. Não é possível manipular alguém sem agradá-lo um pouquinho.